



XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



MUSEU DA PERIFERIA VILA TORRES: memória e rebeldia, lado B de um cartão-postal¹

José Carlos Fernandes
Alice dos Passos Lima
Beatriz Favaretto Deschamps
Emily Miquelino Camargo de Matos
Luiza Prado Yasumoto
Vitória da Silva Smarci
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

A comunidade Vila Torres é a mais antiga de Curitiba – com registros já na década de 1950. É uma “favela histórica”. Dividida por facções criminosas, vila extrapola o noticiário policial. Cerca de 20 lideranças diferentes elevam-na a modelo de organização comunitária. A longevidade e a vitalidade fazem desse endereço de 6,5 mil habitantes um merecedor de espaços de memória. Estuda-se aqui os processos metodológicos para a criação de um território museológico popular e sua destinação pedagógica. Trabalho se baseia em Paulo Freire, Ismar de Oliveira e Françoise Vergès. Com sua base montada, projeto entra na fase de pesquisa de campo.

PALAVRAS-CHAVE

Educomunicação; museus da periferia; Vila Torres; comunicação popular.

1 INTRODUÇÃO

A Vila Torres é uma comunidade de 6,5 mil moradores, próxima ao centro de Curitiba, conhecida por abrigar parte expressiva dos catadores de recicláveis da capital paranaense. Não há números conclusivos, mas estima-se que 30% da população local viva da coleta de papel e congêneres. Ainda que tenha por volta de 75% de regularização fundiária efetuada, a vila ainda é chamada de “favela” – o título permanece por força dos rótulos repetidos pelo noticiário policial; precariedade das moradias e poluição do Rio Belém, que cruza o local depois de passar pelos bairros da zona Norte e região central.

Os primeiros registros da comunidade são de 1953, e de caráter higienista. À época, a cidade de 180 mil habitantes via surgir suas três primeiras zonas favelizadas, chamadas pela imprensa de “Inferninho” do Santa Quitéria, Vila Parolin e Favela do Capanema, da qual a “Torres” é um resquício. Nos anos 1970 e 1980, o “Inferninho”, atendido pelas Comunidades Eclesiais de Base (Ceb), foi saneado e rebatizado de Vila Nossa Senhora da Paz. Parolin e Capanema se tornaram pródigas no tráfico no drogas, mas também na organização comunitária (Fernandes, 2008).

¹ Trabalho apresentado no **GT 1** Comunicação popular, comunitária e cidadã, da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

A comunidade do Capanema passou por uma política ostensiva de desfavelamento, nos anos 1980. O local abriga hoje o Jardim Botânico, espaço mais visitado por turistas na capital paranaense. O estigma foi tamanho que, em plebiscito popular, moradores trocaram o nome do bairro de Capanema. Uma estreita faixa de terra, às margens do Rio Belém – o único que nasce e morre em Curitiba –, contudo, não foi atingida pelo processo de gentrificação. Comunidade dentro da comunidade do Capanema, a chamada “Vila do Pinto” (depois “Torres”, também mudada em plebiscito) permaneceu no fundo de vale da região.

Tem visibilidade tamanha. Pode ser identificada por quem vai à rodoviária e ao aeroporto. É vizinha da maior instituição privada de ensino superior da capital, a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), o Colégio Medianeira – de educação jesuítica –, e a Federação das Indústrias do Paraná (Fiep). Em meio a controvérsias e desinformação, a Vila Torres é a mais lembrada dentre as 254 áreas de ocupação irregular da cidade, em pesquisas de opinião. É, também, destinatária preferencial de projetos sociais e culturais – muitos deles nascidos da comunidade, como a ONG Passos da Criança e o bloco de percussão “Afro Pretinhosidades” (Fernandes, 2019).

Em 2018, a convite da ONG “Passos da Criança”, o programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, foi convidado a construir o Museu da Periferia Vila Torres, primeiro na forma física e depois no modelo virtual, dada a falta de espaço para abrigar um acervo. O objetivo do projeto – além de documentar a comunidade favelizada mais antiga da capital paranaense – está em oferecer a educadores, das quatro escolas da rede pública que funcionam no entorno – material didático com potencial para mostrar a crianças, adolescentes e jovens as qualidades da vila, para além das trágicas narrativas exploradas pela imprensa sensacionalista.

Durante 2020 e 2021, em função da pandemia, extensionistas fizeram uma ação emergencial, colaborando com os educadores da ONG na preparação de material didático e apoio no uso de audiovisuais – de modo a atender as 80 crianças que frequentavam ali o contraturno escolar. Em 2022, o projeto foi retomado, passo a passo. Os avanços se deram em 2023, quando passaram a ser gravados depoimentos com os moradores mais antigos da comunidade, de modo a formar uma galeria no futuro site.

2 METODOLOGIA

A metodologia do Museu da Periferia Vila Torres se alimenta de fontes como a educomunicação (Oliveira, 2011). Além dessa trilha, de origem freireana, sustentam os projeto as diretrizes da extensão universitária: vínculos com a comunidade, acompanhados de oitivas contínuas das lideranças; parcerias com a sociedade organizada local – a ONG Passos da Criança e o Clube de Mães Vila Torres, por exemplo.

Numa perspectiva transdisciplinar, o grupo gestor do projeto fez aproximações com a museologia. O acervo virtual deve ter fotografias da comunidade – digitalizadas de acordo com as sugestões de Kossoy (2020); pequenos vídeos, com depoimentos de moradores históricos; reportagens e livros produzidos sobre a Vila Torres; pequenas notícias sobre fatos que emergem no dia a dia do local.

Está projetado, para os próximos passos, uma ação piloto, junto a escolas do entorno da Vila Torres, de atividade didática com a utilização do material arquivado do museu. Do mesmo modo, será feito um grupo focal, para recolher sugestões, entre educadores e líderes comunitários, sobre o uso dos recursos do site.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Além de Freire (2021) e Soares (2011), sustentam o projeto autores como Ecléa Bosi (2003) – base dos estudos de memória; Denis de Oliveira (2017), Alexandra Gonzalez (2022) e Mara Rovida (2020) – para fundamentar as trilhas de comunicação junto a comunidades periféricas; Paiva e Barbalho (2005), como suporte para pensar o lugar e a voz das minorias. Por fim, destaque-se o trabalho da historiadora Francoise Vergès (2023), para desenvolver os processos de decolonização dos espaços de memória.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A existência de um museu sobre a comunidade ainda causa estranheza entre os moradores – descrentes de que o vivido naquele território empobrecido – espremido entre universidades, colégios de elite e uma federação – possa figurar entre os demais espaços museológicos da cidade. Entre os mais engajados, a ideia ganha simpatia, com reconhecimento à importância da comunidade e sua contribuição para a história da cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Museu da Periferia tende a se tornar uma ideia inspiradora – junto a outros projetos semelhantes, em curso no país. Entende-se como uma metodologia aplicável, passível de pequenas adaptações, a depender de cada território. Tem potencial para decolonizar outros espaços, fazendo com que registrem memórias, democratizem documentos e olhem com afeto para suas micro-histórias.

Referências

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 10.^a ed. 2003.

FERNANDES, J.C. Vida e morte do Capanema. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 6 fev. 2011. Vida e Cidadania, p. 8.

FERNANDES, J.C. Na Vila Torres tem batucada. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 23 fev. 2019. < Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/jose-carlos-fernandes/na-vila-torres-tem-batucada/>> Acessado em 15/05/2024.

FREIRE, P. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. 2.^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GONZALEZ, A. **Jornalismo comunitário**. São Paulo: Contexto, 2022.

KOSSOY, B. **Fotografia & história**. 5.^a ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2014.

OLIVEIRA, Denis. **Jornalismo e emancipação**: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017.

PAIVA, R. BARBALHO, A. (orgs.) **Comunicação e cultura das minorias**. 2.^a ed. São Paulo: Paulus, 2009.

ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias**: o diálogo social nas bordas urbanas. Curitiba: CRV, 2020.

SOARES, I. O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu, 2023.